

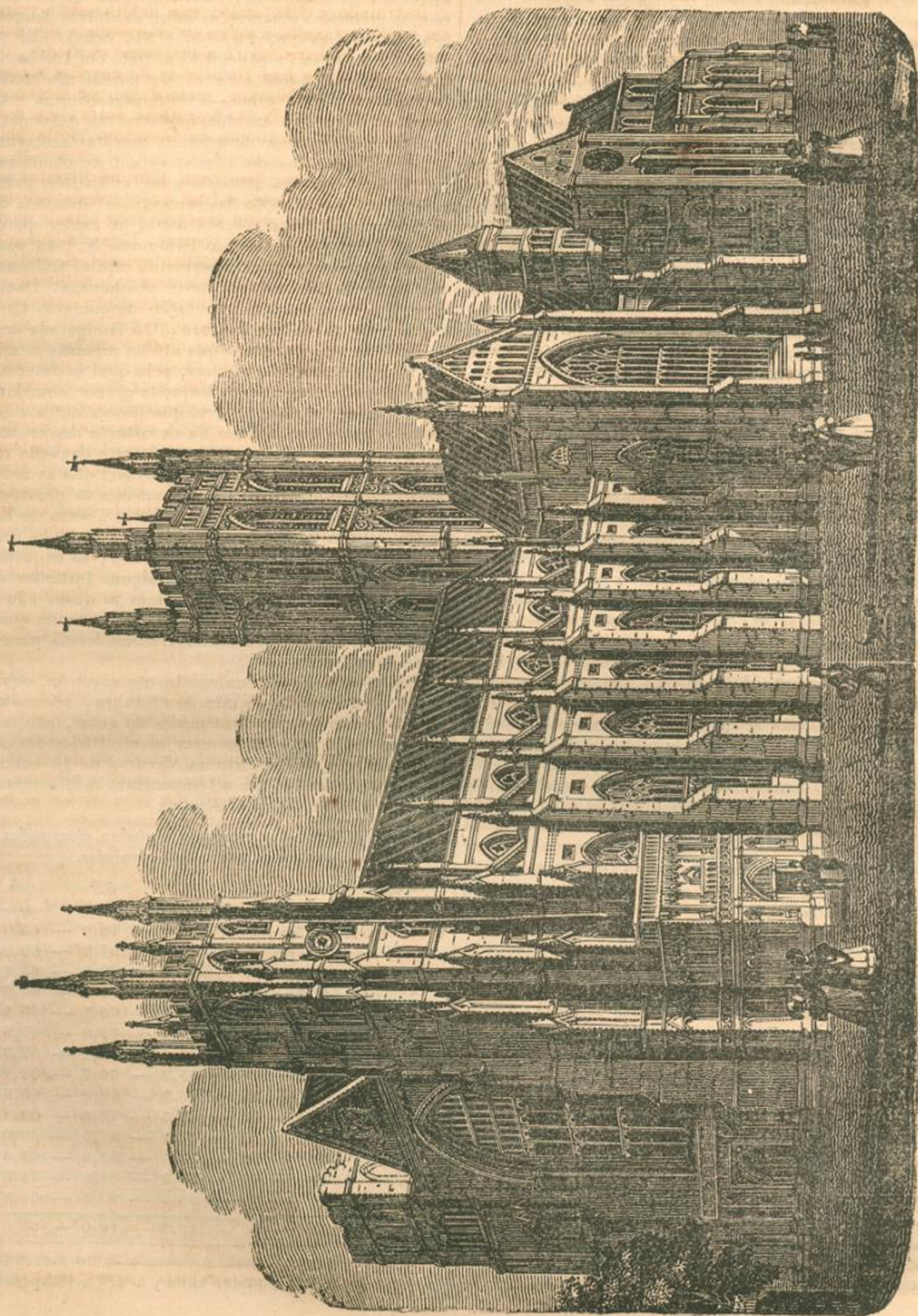
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

104) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (ABRIL 27, 1839



CATHEDRAL DE CANTERBURY, OU CANTUÁRIA.

CANTERBURY, OU CANTUARIA.

ESTA cidade de Inglaterra, no condado de Kent, está situada sobre o Stour, na estrada real de Londres para Dover. Já no tempo dos romanos foi celebre, como se prova das muitas antiguidades que em suas visinhanças se tem descoberto: no tempo da heptarchia [os sete reinos] Saxonia foi residencia do monarcha do Kent.

Em Canterbury fundou o primeiro estabelecimento christão St.^o Agostinho, apóstolo da Inglaterra, quando baptisou o rei Ethelberto e dez mil saxonios, pelos fins do seculo 6.^o Este prelado foi o primeiro arcebispo desta cidade; e os seus successores hoje se intitulam *primazes d'Inglaterra e primeiros pares do reino*. Na lista destes se encontram alguns nomes celebres, como, Thomaz a Becket [Sancto Thomaz de Cantuária], que foi assassinado, perante o altar, por ordem de Henrique 2.^o em 1171; e Thomaz Cranmer, queimado em Oxford no reinado da rainha Maria. A cathedral, um dos mais nobres edificios d'Inglaterra, é de remotissima data; disputa-lhe todavia a prioridade de origem a igreja de S. Martinho, juncto a Canterbury, que é geralmente tida pelo templo christão mais antigo do reino. Tendo sido construidas em diversas epochas as diferentes partes desta sé, o seu caracter architectonico é mui variado; não obstante isto todas estas porções estão combinadas de modo que produzem agradável effeito. A diversidade do estylo nota-se mais assignaladamente no lanço do Sul. O portico deste lado é de primorosa e regular estructura, com sua abobada de cantaria. A torre maior goza da reputação de um puro e formoso specimen de architectura ingleza. No edificio ha muitos monumentos de pessoas distinctas; e são de grande belleza muitas janellas de vidraças coradas, especialmente a principal da banda do occidente. O côro é o mais espaçoso que ha em todo o reino, tendo quasi 200 pés inglezes de comprido [quasi 185 pés portuguezes], e de largo, entre as duas portas lateraes, 38 pés [35 pés portuguezes prox.]. O comprimento de todo o edificio de nascente a poente é de 514 pés [475 pés portuguezes prox.]. Nestes ultimos annos se tem feito grandes reparos nesta sé a expensas do deão e do cabido. Para uma das duas torres do poente veio em 1836 a cantaria de Caen em Normandia, de cuja pedra todo o edificio fôra construido, excepto aquellas pilastras que são de pedra de Purbeck.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO 1.^o MEZ DO OUTONO DE 1833. POR M. M. FRANZINI.

Outubro de 1833.

Temperatura média das madrugadas 53^o [9¹/₂ R].
 D.^a ás horas de maior calor 70 [17].
 D.^a média do mez 61,7 [13].
 Variação média diurna 17 [8].
 Maior variação diurna 22 [10]. a 2.
 Menor ,, ,, 5 [2¹/₂]. a 14.
 Maior fr. 49^o [11^o] a 30.—Maior cal. 80^o [21^o/₂] a 2.
 Barometro.—Maior altura 765,1 [30,12 P] a 30.
 Menor ,, 753,0 [29,64] a 9.
 Média ,, 759,0 [29,83] —

Estado da atmospheria.—Appareceram as primeiras chuvas a 4, e 5, repetindo com abundancia a 9. —A 29 e 30 houveram chuvas mui diminutas, sendo o total da agua que caiu naquelles cinco dias de 49 m. [1¹/₂ P.] ou pouco mais dos dois quintos da chuva habitual deste mez. Os primeiros dez dias fo-

ram quentes, porém o resto foi temperado e secco com ventos brandos de NE. e N.—Sómente a 13 sopraram com força os ventos de O., e NO., e a 27 muito rijo o NE.—A' excepção dos 5 dias em que choveu, e mais 7 em que esteve alternadamente o ceu encuberto, foram os outros dias mui claros e secco.

Tendo collocado a 11 deste mez, na quinta da Trindade, em Cintra, um pluviometro em tudo semelhante ao de Lisboa, houve occasião de se fazerem as primeiras observações sobre as chuvas daquelle sitio nos dias 24, 25, 29, e 30, caíndo alli 25 millim.^s de agua [1 pollegd.^a] quando em Lisboa só houve alguma chuva a 29 e 30; porém tão tenue que não excedeu a 2 m.—Causou-me surpresa esta enorme differença, em duas posições tão proximas; porém as observações do seguinte mez desvaneceram a duvida, confirmando a existencia deste phenomeno. Quando fixei a attenção sobre as grandes differenças que a collocação das serras, e abundancia de arvoredos, produzem sobre a maior ou menor quantidade de chuva [veja-se o Panorama N.^o 46 pag. 83] não presumia que ás portas da capital tinhamos um exemplo tão notavel deste phenomeno. Daqui procede a bem fundada reputação de que goza Cintra a respeito da sua frescura, tão famigerada desde remotos tempos, ainda que até ao presente se não havia feito observação alguma, pela qual se determinasse a verdadeira origem daquella grande abundancia de aguas; sendo provavel que fossem ainda mais copiosas antes que o furor da devastação dos arvoredos se apossasse tambem dos habitantes daquelle romanescos sitio.—É, portanto, provavel que as reflexões que fizemos ácerca dos mananciaes da provincia do Minho, e dos paizes circumvisinhos á serra da Estrella, sejam muito exactas, e provavelmente confirmadas, como aconteceu em Cintra, se naquelles sitios houvesse quem dedicasse alguns instantes do dia a semelhantes observações, sem as quaes não é possivel fixar exactamente as propriedades de qualquer clima, objecto da maior transcendencia para a agricultura.

Tendo-se observado no continente europeu, que a temperatura média do mez de Outubro, representa geralmente a temperatura média do anno, não será por isso improprio transcrever os resultados das observações que tenho feito no decurso de 14 annos, pelas quaes concluí que a temperatura média annual de Lisboa é de 63^o [14^o R].

Temperaturas dos mezes de Outubro observadas em Lisboa nos annos seguintes.

	1. ^a	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a	6. ^a
1816	— 48 ^o	— 31	— 56,0	— 70,0	— 63,0	
17	— 50	— 75	— 57,7	— 67,2	— 60,0	
18	— 54	— 74	— 58,0	— 69,5	— 63,7	
19	— 47	— 84	— 58,3	— 71,0	— 64,6	
20	— 49	— 80	— 59,1	— 68,7	— 63,5	
21	— 50	— 88	— 58,2	— 73,0	— 65,6	
22	— 52	— 70	— 56,3	— 68,4	— 62,3	
23	— 50	— 74	— 55,3	— 66,9	— 61,1	
24	— 48	— 74	— 57,9	— 69,2	— 63,5	
25	— 45	— 81	— 57,3	— 72,3	— 64,8	
35	— 44	— 72	— 52,1	— 67,9	— 60,0	
36	— 40	— 78	— 54,1	— 69,6	— 61,8	
37	— 47	— 84	— 55,2	— 75,5	— 65,3	
38	— 46	— 80	— 53,3	— 70,1	— 61,7	
Médio geral	40	— 88	— 56,3	— 70,0	— 63,0	

A 1.^a columna denota o anno, a 2.^a o maior frio observado, a 3.^a o maior calor, a 4.^a a temperatu-

ra média das horas mais frias, ou da madrugada, a 5.^a a temperatura mais quente do dia, e a 6.^a a temperatura média do mez. — Por esta taboa se vê que as maiores differenças entre os annos mais quentes e mais frios, nunca attingiu 6° de Fahre.^t, ou 2° $\frac{3}{4}$ de Réaumur, pelo que podemos concluir que o médio geral de 63°, deduzido destas observações, deve ser mui exacto. — Nos mezes futuros omittiremos as observações parciaes dos annos antecedentes, contentando-nos de offerecer o médio geral, para sobre elle se fazer as comparações. — Pela mesma tabella se deduz, que a temperatura de Outubro deste anno, foi 1° $\frac{3}{4}$ inferior á média, e por consequencia um pouco mais fria. — Comparando esta temperatura com a das principaes cidades do continente se poderá fazer uma idéa exacta das notaveis differenças que as distinguem, avaliando-se com rigor mathematico a sua aspereza ou amenidade. Como em geral as melhores obras agronomicas, que mais se consultam em Portugal, são escriptas em Londres ou Paris, cujas temperaturas pouco differem, offereceremos nos futuros mezes o parallelo das suas respectivas temperaturas com a de Lisboa, comparando aquelles mezes que pela intensidade do seu calor lhe correspondem no clima de Paris.

Para dar tambem uma idéa do rigor dos climas polares, offereceremos ao mesmo tempo a correspondente temperatura de S. Petersburgo, visto que nesta grande capital se estão fazendo excellentes observações meteorologicas, as quaes, em consequencia da illustrada e generosa protecção do actual monarcha russo, se teem feito extensivas a grande numero de pontos regularmente distribuidos na superficie daquelle vastissimo imperio.

Estabeleceu-se na capital, debaixo da direcção da Academia das Sciencias, um observatorio normal, aonde se exercitam, por algum tempo, na practica das observações, grande numero de cadetes das armas scientificas do exercito, que depois se distribuem pelos diversos observatorios; os quaes, com a regularidade do serviço militar, desempenham a sua commissão, e são successivamente rendidos por outros, abrangendo as suas indagações não só os phenomenos meteorologicos, e do magnetismo terrestre, mas tambem quaesquer outros objectos de que póde resultar utilidade ao serviço publico. — Um tão poderoso systema de protecção e de impulso dado á sciencia não deixará de produzir grandes resultados, e já o sabio astrónomo *Kupffer* publicou, em 2 grandes volumes em 4.^o, impressos em 1837 e 38, a serie das interessantes observações feitas em S. Petersburgo, das quaes nos serviremos para a mencionada comparação.

Relativamente ao clima de Cintra, de que já mencionámos as avultadas chuvas dos ultimos dias deste mez, accrescentaremos que a sua temperatura foi observada com a maior exactidão durante o mesmo periodo, por pessoa intelligente préviamente exercitada, resultando para a temperatura média das madrugadas 52°, e para as das horas quentes 65° $\frac{1}{2}$, sendo, portanto, a temperatura média de 58° $\frac{3}{8}$, ou mais fresca 3° $\frac{1}{3}$ do que em Lisboa; e nas horas mais calorosas 4° $\frac{1}{2}$. — Um bom barometro que alli colloquei, se manteve mui regularmente 20,02 m. [0,787 polleg.^a] mais baixo que o de Lisboa, do que se infere achar-se elevada a Trindade 138 braças acima do nivel do Têjo, resultado que concordou com as observações que fiz sobre a depressão do Oceano, que naquelle sitio se avista claramente.

As temperaturas médias annuaes de algumas das principaes cidades do continente europeu, são as seguintes, designadas em gráus de Fahrenheit, e de Réaumur.

	F.	R.		F.	R.
Napoles	67°	—15,5	Genebra	49	—7,5
Funchal	66,5	—15	Edimburgo	48	—7,2
Lisboa	63	—14	Copenhague	45	—6
Roma	60,5	—12,5	Stockolmo	42	—4,5
Marselha	58	—11,5	Christiania	41	—4
Veneza	56	—11,0	Moscow	40	—3,7
Milão	55,5	—10,5	S. Petersburgo	39	—3,4
Bruxellas	51	— 8,5	Vleo	33	—0,5
Paris	51	— 8,5	Cabo-Norte	32	—0,0
Londres	50,5	— 8,2			

A temperatura média do mez d'Outubro, em Paris, é de 52° [8,9], ou 11° mais fria; e em S. Petersburgo é de 41° $\frac{2}{3}$ [4,2], ou 22° mais fria do que em Lisboa. — Segue-se pois que o calor desta cidade em Outubro corresponde ao que se experimenta em Paris no mez de Junho, ou em S. Petersburgo no mez de Julho, sem que por tal circumstancia se possa deduzir a absurda consequencia de que os trabalhos agronomicos, ou producções do solo, se invertem nos climas comparados só em relação á egualdade do calor nos respectivos mezes.

Phenomenos notaveis. — Na noite de 3 para 4 desfechou sobre o reino de Valencia, em Hespanha, uma terrivel tempestade acompanhada de torrentes de chuva, de que não havia exemplo, as quaes, fazendo transbordar os rios, causaram enormes inundações, e os maiores prejuizos. — Em *Lorca*, cidade de 40 mil habitantes, o rio do mesmo nome appareceu tão entumecido como em 30 de Abril de 1802, e inundou esta bella cidade, arruinando grande numero de casas, e familias, especialmente nos bairros mais baixos. — Em *Oriuela*, cidade de 26 mil habitantes, tambem as enchentes causaram graves prejuizos, e abateram diversas casas; porém em *Castellon*, de 15 mil habitantes, os estragos foram horribes. Nada resistiu á impetuosidade das chuvas, e da inundação do rio, elevando-se, nas ruas, a agua a mais de 4 palmos. O rio que circula em torno da cidade, a meia legua de distancia, rebentou em tres pontos, levando diante de si tudo o que encontrava, arrastando enormes penedos, e quantidade de pedras, com as quaes veio entulhar muitos sitios da cidade. Grande numero de suas casas abateram com a percussão das aguas e penedos, matando muitas pessoas, cujos cadaveres se encontraram naquelles sitios, e juncto ao mar. Tão grande porção de agua reunida em tão pouco tempo devia produzir effeitos espantosos por onde passasse, e, com effeito, todas as colheitas deste fertilissimo solo se perderam, passando as aguas por cima das terras na altura de mais de 8 palmos, deixando-as depois cubertas de pedras, e cortadas de barrancos. Foi, realmente, uma catastrophe espantosa.

É notavel que nessa mesma epocha começaram em Lisboa as primeiras chuvas, caíndo na noite de 4 para 5 uma quantidade dupla da mediana: porém o vento de Sudoeste soprou brandamente e sem causar o menor prejuizo.

Nota relativa ao mez de Setembro. — Sendo a applicação dos banhos do mar um remedio hygienico muito em uso nesta cidade, e proveitoso em grande numero de casos, pareceu-me necessario observar a temperatura das aguas do Têjo, que achei ser de 63° [14 R] ás 7 horas da manhã, sendo a do ar, ás mesmas horas, de 65°. — Esta temperatura da agua é mui semelhante á que já tinha observado havia annos, nesta mesma estação, e representa a temperatura média d'um anno regular no clima de Lisboa. — Adoptando-se a classificação judiciosamente estabelecida pelo Dr. *Marcard*; a saber, *banhos mui-*

to quentes os que excedem a 96°, temperatura do corpo humano; *banhos tepidos* os que se comprehendem entre 96° e 85°; *banhos frescos* os comprehendidos entre 85° e 65°; *banhos frios* os que baixam de 65°, concluiremos que os nossos banhos do Téjo, durante o mez de Setembro, se acham comprehendidos no limite que separa os banhos frescos dos banhos frios.

A MISSA EM REGGIO, NA CALABRIA.

ASSISTI esta manhã a uma scena curiosa. Quereis saber qual? — Dirvo-lo-hei: — foi a missa. Mas a missa de Reggio não se parece com as outras. O pavimento da igreja está juncado de mulheres prostradas no chão, e cubertas com um veu desmesurado, preso por detraz, ao modo dos veus das sicilianas, e que ellas levantam desde a orla do vestido até a cabeça, para esconderem quasi inteiramente o rosto. Este veu tem suas semelhanças com os trajos da antiguidade, e as suas pregas magestosas fazem-me lembrar de alguns baixos relevos que vi em Roma.

No momento da consagração, e da communhão, todo o povo, que estava de joelhos, se lançou de bruços; e homens, mulheres, creanças, chorando, soluçando, e gemendo, batiam com tal ancia nos peitos, que a principio fiquei espavorido do ruido soturno que retumbava na igreja. Estas demonstrações exteriores nenhuma impressão religiosa me fizeram, porque me pareceu que não vinham do coração. Torrentes de lagrymas começaram a correr logo que souo o primeiro toque da campainha do acolyto; mas toda aquella aflicção passou milagrosamente apenas o padre se ergueu, e a compunção do peccador deu lugar á alegria mundana, e a uma tal palra, que a igreja parecia a praça do mercado; e com effeito aquella é a praça domingueira. Chora-se á missa por que assim é costume: é uma cortesia que se tem com Deus. Mas pensa-se ahí tanto nelle, como se pensa em qualquer pessoa, a quem na rua se tira o chapéu. Acabada a missa, saí com a multidão, mais admirado do que edificado da devoção dos habitantes de Reggio. — *Custine. Memoires et voyag.*

MODO DE ATALHAR OS INCENDIOS NA CHINA.

EM CADA bairro da cidade de Lo-yang, ha corpos de guarda, afastados uns dos outros obra de 300 passos, onde estão os chamados inspectores nocturnos, que são, em cada ponto, cinco ou seis. Andam estes continuamente rondando o seu districto, para darem aviso em caso d'incendio. Na parte mais alta da cidade ergue-se uma torre de adobes, chamada Van-ho-leú, o que quer dizer, torre para descobrir os incendios. No eirado della fica, todas as noites, um homem de atalaia; e no pavimento inferior ha muitos aposentos espaçosos, que servem de quartel a cem soldados. Em um armazem contiguo a estes aposentos estão todos os objectos necessarios para acudir a qualquer fogo, como baldes, machados, serras, escadas, ganchos de ferro, cordas grossas &c. Logo que em alguma parte rebenta um incendio, um cavalleiro corre a toda a pressa e vae avisar o commandante do bairro: este marcha logo á frente de um destacamento, e ordena aos seus soldados que atalhem o fogo por todos os meios que teem á sua disposição, o que elles fazem, sem que tenham o menor incommodo os tranquillos moradores da cidade.

Modo de embaraçar que a farinha de milho arda. — Se é verdade, como affirma o professor Grégori, que um prego mettido em um sacco de farinha de milho, obsta a que ella arda, seria utilissimo usar de tão simples precaução, porque é sabido com que facilidade essa farinha arde. Indicamos pois esta receita para quem quizer fazer a experiencia, que pouco custa, e não tem risco algum, visto que o prego nenhum damno póde causar.

A CAVERNA DE SURTSHELLIR.

OLAFSEN e Povelson na sua Relação da Islandia contam grande numero de particularidades relativas a algumas das muitas cavernas que se acham no interior da ilha, todas as quaes devem a sua origem á violencia dos volcões. O viajante inglez Henderson viu tambem algumas dellas na sua viagem pela ilha, e delle extraímos o que vamos dizer ácerca da de Surtshellir.

A respeito das cavernas da Islandia, diz-se que ellas foram antigamente habitadas por salteadores: mas a que é mais vulgarmente conhecida pelo nome de *cova dos ladrões*, é a notavel caverna, ou antes serie de cavernas, chamada Surtshellir, na vizinhança de Bald-Yokul. Olafsen e Povelson, citando o *Sandnama Saga*, dizem que esta cova recebeu tal nome de certa tradição que havia de que ahí morava um gigante *Surtur* que significa *negro*; e este gigante era um tremendo *ogre* ou papão, que enchia de terror a Islandia. O Dr. Henderson falla de outra tradição: “Um dos artigos do antigo credo escandinavo, era que quando estivesse a acabar o presente periodo do mundo, *Surtur*, o principe negro das regiões do lume, viria do Sul, e poria fogo á terra; e tendo os primitivos habitantes da Islandia encontrado esta caverna, e contemplado os horriveis signaes de conflagração de que ella está rodeada, persuadiram-se de que a nenhum lugar se podia applicar com mais propriedade a denominação de morada do principe do fogo.”

O que, porém, parece ter alguma certeza é a tradição de que esta caverna foi habitada por salteadores. Os primeiros habitantes eram piratas; e ainda muito depois deste paiz estar civilizado, eram as suas praias visitadas por corsarios. As ilhas Vestmanna, que jazem a 15 milhas para o Sul defronte do volcão do Hecla, foram saqueadas por um pirata inglez em 1614; e em 1627 os corsarios *algerinos* saquearam e queimaram varias casas e uma igreja, levando captivos muitos habitantes das ilhas. É um facto provado por Olafsen e Povelson, que uma porção dos salteadores que moravam na caverna de Surtshellir eram piratas, que haviam sido affugentados da ilha de Geirholm; e que effectivamente a caverna era habitada prova-se pelas chronicas d'Islandia, e pelas ossadas de bois e carneiros, que se acham em uma das furnas. Eis em summa o que diz desta caverna o Dr. Henderson, que a foi ver.

“Fomos a pé explorar a famosa caverna de Surtshellir. Todo o caminho apresentava uma lava irregular, ora em porções compactas, ora torcida e quebrada em mil pedaços. A torrente do bitume acceso tinha vindo evidentemente de Bald-Yokul, enchera todos os cantos e quebradas do valle, e crescera a grande altura pelas encostas das montanhas circumvisinhas. Uma senda estreita, feita por os que antes de nós tinham tido a curiosidade de visitar a caverna, guiou nossos passos. Tanto que chegámos, descemos a um largo covão, que se formára por haver desabado uma porção de lava, e, diante de nós, para o la-

do do Sul, vimos patente a entrada daquella triste habitação das trevas. Tem o portal obra de quarenta pés de altura, e cincoenta de largura, dimensões que conserva por mais de dois terços do comprimento, que, medido, se achou ter 5:034 pés.”

“Accendemos os archotes e entrámos na caverna, que estava cheia de neve de grande altura, passada a qual fomos dar a um vão cheio de extensos pedaços de lava angulares, que tinham caído da abobada, de modo que a todos os momentos corriamos risco de nos escalar, ou de cairmos nas barrocas cheias d’agua, que havia entre os pedaços de lava. Nem receavamos menos que novas porções della, desabando do tecto, nos fizessem em migalhas. A escuridão começou neste ponto a ser tamanha, que apesar de toda a claridade que davam dois grandes archotes, não podémos examinar, tão distinctamente como quizéramos, as formosas estalactites negras e volcánicas, que pendiam da alta e ampla abobada, ou corriam ao longo das paredes em faxas horisontaes, que pareciam formadas pelas torrentes de pedras derretidas e vitrificadas. Quasi exactamente na nossa frente havia entradas para outras passagens subterraneas de immenso tamanho, que immediatamente conhecemos serem o asylo, aonde se acolhiam, em tempos antigos, os numerosos bandos de salteadores, de que fazem menção as antigas chronicas da ilha. Descendo para aquella banda, trepámos a uma especie de trincheira que atravessa a caverna, tendo d’altura dez pés, e entrámos na furna que fica atraz della; mas apenas tínhamos dado alguns passos fomos encontrar um comprido muro de pedra de tres pés de altura, visivelmente feito por mãos de homens. Tinha uma porta, ou entrada ao meio, pela qual passámos, depois de havermos observado um montão circular de ossadas meias desfeitas, pela maior parte de carneiros e bois, e tambem algumas de cavallos, que provavelmente os salteadores mataram para comerem. Dentro deste recinto havia um aposento ou quadra de 30 pés de comprimento e 15 de largo, cujo pavimento estava cuberto de pó finissimo de arêa volcânica, e que cremos lhes servia de cama. Da abobada desta quadra pendem estalactites ainda mais bellas que as da caverna principal; e como estão muito mais bem vitrificadas, reflectem a luz com extraordinario brilho.”

O Dr. Henderson, e os seus companheiros examinaram as outras partes desta caverna, uma das quaes, diz elle, lhes pagou todo o trabalho que tiveram neste exame, e que lh’o houvera recompensado, ainda que tivessem caminhado cem milhas para a ver. Depois de terem andado quatro horas por baixo do chão, ao saírem, viram-se quasi abafados com o calor, por causa da subita transição daquella fria e escura furna, para a luz do dia, no momento em que os raios do sol batiam de chapa, e reflectiam na lava vitrificada, e nas arêas volcánicas, que cubriam todos aquelles arredores. Era o mesmo — observa o viajante — que, se houveramos passado d’um inverno da Groenlandia para um verão da Africa.

COSTUMES PERSAS.

Os PERSAS observam as distincções, no modo de receber visitas, etc., com mais escrupulo que nós; e bem longe de terem o cuidado em receber qualquer pessoa com a mais delicada politica e com mais attenção do que lhe é devida, o por que trabalham é por que aquelles que recebem, não sendo pessoas de quem tenham medo, sejam tractados com menos civilidade do que a sua condição requer. Se um estran-

geiro tem a fraqueza de submeter-se a ser tractado menos respeitosa do que por direito lhe pertence, o persa julga que alcançou um grande triumpho, e a veneração que esse individuo devia merecer, recebe quebra aos olhos de todos os que presenciarem o facto, e dos que disso tiverem noticia. Julgam tambem que é homeni de apoucado entendimento, e baixa educação, o que não pugna pelos respeitos que se lhe devem. No entender delles homem capaz só é aquelle que sabe todas as formalidades e ceremonias usadas na Persia, e que mostra a resolução de não ceder a minima cousa do que lhe é devido, e até a exigir mais do que lhe compete. O ser modesto e reportado são virtudes na Persia de bem pouca monta. Se qualquer individuo se assentar em logar inferior em uma assemblea tomam isso como próva de fraqueza e insignificancia. Meios energicos e resolutos são o meio de alcançar dos persas veneração. Isto hoje é tão vulgarmente sabido, que os estrangeiros se julgam obrigados a darem todos os signaes de colera e raiva, á menor tentativa que se faça para lhes faltarem ao respeito. — *Oliver's Travels.*

RIQUEZA DA INGLATERRA.

Por documentos authenticos está provado que durante a guerra da revolução franceza, que rebentou em 1793, e durou até 1802 a Gran-Bretanha gastou 464 milhões de libras ou mais de 4:640 milhões de cruzados. A guerra com Bonaparte começou em 1803 e acabou em 1815. Durante estes 12 annos de desvarios e de matança, a Inglaterra gastou a enorme somma de 1159 milhões de libras ou perto de 12:000 milhões de cruzados, dos quaes 7:710 foram producto de impostos. Assim as despezas da Gran-Bretanha nesta guerra de 20 annos montaram a 1:623 milhões de libras ou, pouco mais ou menos, 17:000 milhões de cruzados!! — Houve acaso nunca uma nação, desde o principio do mundo, que podesse gastar em dinheiro uma terça parte desta somma, sem fazer banca-rotta e arruinar-se? Cumpre, além disso notar que nove decimos desta incrível somma foram tão perdidos para a nação, como se os houvessem lançado no fundo do mar; e todavia os thesouros que ainda lhe ficaram são incalculaveis. É verdade que a divida nacional é espantosa, orçando de 800 a 900 milhões de libras, ou 8 a 9 mil milhões de cruzados, divida de baixo da qual, segundo as prophcias de alguns, a Inglaterra deve ser um dia esmagada para nunca mais se erguer. Mas a quem deve ella esta divida? — É á França, á Russia, ou aos Estados-Unidos? — Não: é a si mesma: é ao seu proprio povo. Nem um dollar se deve a qualquer nação estranha — de modo que se o governo inglez fizesse ámanhã bancarotta, a nação ficaria tão rica como é hoje. Por certo que isto seria uma horrivel injustiça commettida contra os credores do estado, e deitaria a perder milhares de familias; mas o dinheiro ficaria todo no paiz — e a Inglaterra continuaria a ser, como é, a mais rica nação do mundo. — *Dr. Humphrey.*

TOLERANCIA RELIGIOSA NA RUSSIA.

A RUSSIA, paiz em grande parte semibárbaro, e regido por um despotismo ferocissimo; paiz onde ainda, com vergonha da Europa, se conservam servos de gleba, apresenta, em contraste com o seu atrazamento politico, um grande progresso na cousa que com o despotismo civil menos se compadece: — fallamos da tolerancia religiosa.

Ha mais de tres seculos, que os imperadores da Russia concederam aos estrangeiros o gozo pleno do exercicio do seu culto. Esta liberdade se consolidou principalmente no tempo de Catharina 2.^a Não se oppoz a isso o clero, nem tractou de fazer proselytos. Durante a guerra contra os turcos, em 1739, morreu no exercito um sacerdote luthérano: pediu-se a um padre catholico que lhe fizesse os officios, ao que elle se negou; mas um russo a quem para isso fallaram o fez promptamente.

Para subir aos altos cargos do imperio, ou para servir qualquer emprego civil, não é necessario professar a religião dominante. Em 1794 os dois medicos da imperatriz eram protestantes, bem como os 5 medicos e todos os cirurgiões da cõrte. Acham-se protestantes e catholicos entre os camaristas, cavalleiros das ordens militares, almirantes, generaes, governadores de provincias, e præsidentes de tribunaes. Ao menos em Petersburgo estes principios de tolerancia são vulgares até entre o povo miudo. Pedro Grande tinha prohibido que os judeus entrassem nos estados russos; mas esta prohibição foi revogada.

É permittido ahí ao sectario de qualquer culto, troca-lo por outro, salvo aos naturaes que seguem a igreja russa, os quaes os ecclesiasticos estrangeiros não podem receber no gremio de suas igrejas.

Celebra-se o culto, em Petersburgo, em nove linguas estrangeiras diversas; em alemão, finlandez, francez, italiano, inglez, hollandez, irlandez, sueco, e armenio. Os mais numerosos christãos dissidentes da igreja russa são os lutheranos, e depois delles, os catholicos.

É de notar que apesar da plena liberdade que Pedro 1.^o concedeu aos estrangeiros para fazerem assento nos seus estados, a tolerancia do monarcha não abrangeu os jesuitas, a quem prohibiu severamente o entrarem na Russia: — mas com a primeira divisão da Polonia muitos delles ficaram sendo subditos do imperio, e derramaram-se principalmente pela Russia branca. No tempo de Paulo 1.^o alcançaram a permissão de fundarem um collegio em Petersburgo; mas foram d'ahi expulsos em 1815. — Na Russia branca ha, além dos jesuitas, franciscanos, dominicanos, bernardos, carmelitas &c.

O culto armenio participa do catholico e do grego. O catholicismo prescreve o celibato do clero; a religião grega prohibe que casem os sacerdotes segunda vez; a armenia exige que sejam casados. A observancia dos jejuns é mui rigorosa, e ha muitos. Não reconhecem a supremacia do papa, mas recorrem á intercessão dos sanctos, e observam muitos ritos judaicos. Uma das provas da tolerancia russa é a seguinte: — no anno de 1792 achando-se em Petersburgo o patriarcha armenio, e o mufti turco da Taurida entraram ambos ao mesmo tempo para a sociedade livre economica daquella cidade.

Todas as igrejas de Petersburgo consagradas a cultos não-dominantes, á excepção da finlandez, se aquecem, durante o inverno, com dois ou quatro fogões. Sendo estes edificios vastos e altos, não costumam ser tão quentes como as casas particulares, mas os bons vestidos de pelles remedêam esse inconveniente. Os fogões são feitos em andares, de modo que o fumo, subindo gradualmente, aquece por igual a atmosphera. No resto do Norte, sem exceptuar a Suecia e a Noruega, não se aquecem as igrejas, apesar da aspereza do inverno e da duração dos officios divinos; e todavia fazem assistir a estes até as creancinhas.

Muitos habitantes de Petersburgo, principalmente os membros da igreja russa, são muito apressados em enterrar os mortos; exigem igualmente que

os cadaveres de individuos pertencentes a outro culto, que fallecem em casa delles, sejam enterrados no mesmo dia em que morrem, abuso intoleravel, que pôde fazer com que muitas pessoas desçam ao sepulchro ainda vivas. Devemos, todavia, dizer em louvor dos russos, que elles foram das primeiras nações christãs, que estabeleceram os cemiterios fóra das igrejas, e das povoações.

Segundo calculos provaveis, pôde-se presumir que ha em Petersburgo, entre os sectarios de religiões não-dominantes, mais de 22:000 lutheranos, de 2:000 reformados, e de 5:000 catholicos.

Os pastores estrangeiros gozam ahí de certa consideração social, não sómente entre as pessoas da sua communhão, mas até entre os russos de qualquer classe, assim como entre os cabeças da igreja e o clero commum. Os prelados gostam de os reunir á sua mesa, não só nas provincias, mas tambem em Petersburgo. O esmolér-mór de Catharina 2.^a, Pamphiloff, costumava celebrar a festa dos reis com um banquete, a que admittia ministros de todas as religiões, membros do synodo, arcebispos russos e gregos, abbades, e protopopes. Os pastores protestantes, principalmente, são recebidos com mui distincto respeito.

O JUBILEU DO SEculo 17.^o

INNOCENCIO 1.^o, antes de o publicar, deu ordem á segurança da cidade: mandou vir para Roma uma parte das suas tropas; uma companhia de cavallaria, quatro de couraceiros, e quasi 3:000 infantes, corsos, alemães, e italianos, que foram repartidos pelos bairros e portas da cidade para fazerem serviço junctamente com a guarnição ordinaria; e como as mais brilhantes reuniões podem ser incommodadas por falta de viveres, mandou o papa trazer grande bastimento para os peregrinos que passaram de trezentas mil pessoas de todas as nações, sem exceptuar chins, aos quaes se deram trajos verdes para os distinguir dos outros. Para nada faltar Sua Sanctidade mandou preparar alojamentos para essa multidão de peregrinos, aos quaes não bastavam os hospitaes e asylos que havia, e além disso destinou-se um palacio para os bispos pobres, que viessem ao jubileu.

Tendo feito a bulla, em que convidava os reis e principes christãos a viverem em paz uns com outros, não derramando mais o sangue humano, e a terem os caminhos livres e desembaraçados para os peregrinos; e em que ordenava aos patriarchas, prelados, arcebispos, e bispos que preparassem as suas ovelhas para receberem os dons celestes do anno sancto, annunciando-lhes a palavra de Deus, foi lida a dicta bulla no consistorio, e, dois dias depois [13 de Maio de 1649] publicada solemnemente na presença do papa e cardeaes na praça de S. Pedro, onde estavam reunidos a maior parte dos habitantes de Roma e dos 300:000 peregrinos, que tinham vindo ao jubileu. — *Michel S. Martin.*

PEDAÇO DE PRATA PRODIGIOSO.

No ANNO de 1834, achou-se nas minas de Kongsberg [em Noruega] um pedaço de prata que é talvez o maior que em nossos tempos se tem visto, não só naquella paiz, mas em todo o mundo. Pesava 1443 marcos de prata pura. As minas de Kongsberg deram, nos primeiros seis mezes desse anno, 3:515 marcos de prata pura na fundição. O producto dos 5 mezes antecedentes montava a 8:636 marcos, fazendo, assim n'um anno a espantosa porção de 12:151

marcos de prata arrancada das entranhas da terra só nestas minas.

DA TEMPERA DO AÇO.

O FIM da tempera é endurecer o aço por meio de um resfriamento subito, que nelle produz uma especie de cristallisação. O aço posto em braza mergulha-se n'um liquido [commummente agua fria]; e o resfriamento deve ser prompto, porque deixando-se esfriar pouco a pouco, o aço não é mais rijo do que o ferro ordinario, e nenhuma propriedade alcança diferente das que já tinha.

Como, segundo os usos a que é destinado, o aço precisa de ser mais ou menos rijo, mais ou menos elastico, é necessario modificar as propriedades deste metal. Os buris, os escopros, os punções, e todos os mais instrumentos para trabalhar em pedra, ferro, ou no proprio aço, exigem uma tempera muito mais forte que a necessaria para espadas, navilhas de barba, ferramentas de carpinteiro, &c.

Todos os liquidos servem para a tempera do aço. Como dissemos, o mais usado é a agua fria. Se o liquido está muito frio deve-se aquecer o metal menos fortemente. Em azougue torna-se a tempera mais rija que em agua; mas o aço fica aspero. Para obter uma tempera branda deve-se agitar o aço em braza em uma atmospheria fria e humida, ou expo-lo a uma corrente d'ar.

Todos os acidos dão tempera mais rija que agua. O acido nitrico é conveniente para a tempera de buris, mas é preciso lava-los depois em agua limpa.

O aço para se temperar, ha-de ser aquecido rapidamente em carvão bem acceso, são, e de boa qualidade, assoprado o lume com pouca força, para que o metal não se oxide, nem se cubra de uma capa ferrea; as partes grossas hão-de ser mais aquecidas que as partes delgadas. Um erro commum entre obreiros pouco peritos é aquecer quanto mais depressa podem o aço, que querem excessivamente rijo, quando pelo contrario, quanto mais rijo se quer mais devagar se deve pôr em braza.

UMA LEI DA EDADE MEDIA.

QUANDO o rei d'Inglaterra Ricardo 1.^o partiu com uma armada para a Palestina, fez a seguinte lei que devia reger os que iam a bordo, durante a viagem. Esta lei curiosa, que se acha na collecção, publicada pela commissão dos archivos em Inglaterra, com o titulo de *Fœdera*, serve para mostrar quaes eram as idéas e costumes daquelle tempo; o importante da lei é o seguinte:

“A todos os homens que vão por mar a Jerusalem saude: Sabei que nós, com o conselho dos homens bons, fizemos a seguinte ordenação. Quem quer que matar um individuo a bordo, será deitado ao mar, amarrado com o morto; mas se o matar em terra será enterrado com elle. Se a alguém se provar com testemunhas dignas de credito, que puxou por faca contra outrem, ou que lhe fez sangue, terá a mão cortada; mas se lhe der só uma bofetada com a mão aberta, sem lhe fazer sangue, levará tres mergulhos no mar. Se alguém doestar, escarnecer ou amaldiçoar outrem, pagar-lhe-ha tantas onças de prata quantas forem as vezes que o offender. O ladrão convencido de ter roubado qualquer cousa, rapar-lhe-hão a cabeça, e sobre ella lhe deitarão pêz derretido, espalhando-lhe por cima as pennas de um travesseiro, para o conhecerem, e po-lo-hão em terra no primeiro porto onde o navio chegar.”

SAGACIDADE DE UM ELEPHANTE.

Um meu amigo, que tinha residido em Ceilão, foi um dia ao jardim Zoologico de Londres. Havia então ali um elephante vindo de Ceilão e pertencente á sociedade Zoologica: a principio não fez mais caso do meu amigo, do que fazia das outras pessoas, que andavam no jardim; mas quando o pobre animal o ouviu fallar-lhe em lingua chingalá, deu as mostras mais vivas de alegria, voltando a tromba, e festejando o seu novo amigo com todo o prazer de quem, n'uma terra estranha, encontra casualmente alguma pessoa nascida no seu proprio paiz. — *Barthurst. Miscellaneous Memoranda.*

A ARCADIA DE ROMA.

PELO meiado do seculo passado a Arcadia de Roma era um dos mais ridiculos testemunhos na mania, que então reinava nos animos dos litteratos da Europa, pelas tradições e reminiscencias classicas da antiga Grecia e da antiga Roma.

A Academia dos Arcades tinha sido instituida nos fins do seculo 17.^o, principalmente pelos homens de letras, que andavam na côrte de Christina rainha de Suecia. Esta Academia admittia todas as sciencias, todas as artes, todas as nações, todas as classes, e ambos os sexos. O numero dos seus membros era incerto; e chegou a haver mais de 2:000 a um tempo. Aggregavam a si ás vezes academias inteiras, e muitos corpos litterarios da Europa se afamavam de pertencerem á Arcadia.

Em Roma, os arcades se reúnem *vestidos de pastores*, em uma *quinta* magnifica, chamada Bosque Parrhasio. A constituição da sociedade era democratica, e por isso nunca escolhiam nenhum príncipe para protector. — No fim de cada olympiada [por que este era o methodo de computar os tempos, adoptado pelos arcades] escolhiam um *guardador* que era o presidente, e cujo unico direito era o de convocar a sociedade, que só tambem por elle era representada, quando não estava reunida. Para ser admittido um socio, devia este ter mais de vinte quatro annos, e haver dado alguma prova de habilidade em qualquer ramo de instrução. Pelo que dizia respeito ás damas, um poema, ou uma pintura bastava para amostra do seu engenho. As sessões fixas desta assembléa eram em sete diferentes dias, desde o 1.^o de Maio até 7 de Outubro. Nas primeiras seis liam-se as obras dos pastores romanos, e as produções estrangeiras guardavam-se para a setima e ultima.

MODO DE ENXUGAR AS TERRAS BREJOSAS.

OS TERRENOS baixos, como lameirões e prados, podem seccar-se, se não de repente, ao menos pouco a pouco. Para isto é mui proveitoso o seguinte methodo. Começa-se por abrir nos logares mais baixos, covas de 4 a 5 pés em quadro e de 3 de fundo; deixando a terra a monte dos lados, para depois se lhes tornar a deitar. Podem abrir-se quantas covas se quizerem; porque quantas mais forem mais depressa se enxugará o terreno.

De uma cova á outra abrem-se sanjas de 2 ou 3 pés de largo e de 4 ou 5 de fundo: as covas e sanjas se enchem até meia altura, mais ou menos, segundo o estado e o destino do solo, com lascas de cantaria e pedregulho rijo, para a agua se filtrar atravez dos vãos. Sobre este entulho põe-se lages brutas sobre as quaes se lança a terra que se cavou, e que então se amanha e semêa.

BOTAS E ÇAPATOS PARA A AGUA.

Os pescadores da Nova-Inglaterra sabem tornar impermeavel o calçado pelo seguinte methodo, que elles conhecem, segundo se diz, ha mais de cem annos. Poem a ferver meia canada de oleo de linhaça, obra de meia libra de cebo de carneiro, seis onças de cera branca, e quatro onças de resina. Este mixto da-se nas botas e çapatos novos, ainda quente; mas não tanto que queime o couro. Estende-se bem com uma escova; e tem esta graxa a virtude de deixar o couro tão macio como d'antes. Os pescadores podem estar horas e horas mettidos na agua, sem que lhes chegue aos pés a menor humidade, em tendo calçadas botas, assim preparadas.

TERRITORIO E POPULAÇÃO DA CHINA.

As seguintes noticias são extrahidas de um almanak anglo-chim, que se publica annualmente em Cantão, no qual se acha a estatistica do Imperio Celeste, assim como o recenseamento da sua população, feito em 1813. — Eis o quadro da extensão de territorio, e dos habitantes de cada provincia.

Provincias.	Extensão em milhas quadradas.	População.	
		Total.	Por milha quadrada.
Tchy-li	59:700	27:990:871	468
Kiang-nan.	85:000	72:011:560	847
Kiang-si	72:000	30:426:999	422
Fu-kian	57:150	14:777:410	258
Tch-kiang.	37:200	26:256:784	705
Hu-kuang.	168:300	46:022:605	273
Ho-nan	62:000	23:037:171	371
Chan-tung.	56:800	28:958:764	510
Chan-si	63:500	14:004:210	220
Chen-si	167:700	25:562:131	150
Szu-tehhasan	175:600	21:435:678	122
Kuang-tung	97:600	19:174:030	197
Kuang-si	87:800	7:313:893	73
Yun-nan	131:400	5:561:320	42
Kuei-tcheú	51:200	5:288:219	103
Totaes.	1:372:950	367:821:645	268

A população da China propria, ou de raça chim, se compunha, portanto, ha 25 annos de 367:821:647 almas, e, bem que pareça desconforme, não dá todavia senão 268 habitantes por milha quadrada, proporção inferior á da Inglaterra, e de muitas outras regiões da Europa. O leitor examinando este quadro, e comparando-o com um mappa da China, verá facilmente como está repartida esta população desmarcada, e quaes são as provincias que podem offerecer maiores vantagens ás especulações commerciaes. As mais povoadas são as de Leste, situadas, ou nas vizinhanças do mar, com grande numero de portos e surgidouros optimos, ou em planicies por onde trasbordam os rios principaes. Todas as grandes ribeiras da China correm de Oeste para Leste, de modo que as provincias occidentaes deste imperio são pela maior parte montanhosas, e em grande parte estereis, tendo por isso mui rareada a população. A de Yun-nan, que é mui vasta, e confina com o imperio birman, e com os reinos de Tonquin e de Sião, apenas tem 42 habitantes por milha quadrada; a de Kuang-tung mesmo, que é a mais conhecida pelos europeus, e cuja povoação elles suppoem tão consideravel, não contem, por causa do seu arido e montuoso territo-

rio, senão 200 habitantes escassos por milha quadrada, o que vem a ser menos que nos dominios inglezes de Bengala. Já notámos que esta povoação é a da China propria, devendo accrescentar-se-lhe a da Tartaria chim, e outras dependencias do imperio, cujos habitantes se avaliam em 2:200:000 almas, sendo o total [conta redonda] 370 milhões.

Os tributos orçam por 42:000 contos de réis em dinheiro, e por 8:400 contos em generos, ao todo, mais de 50:000 contos annaes.

O GATO DE WITTINGTON.

Não ha collecção de anedotas historicas de Inglaterra, onde não venha a relação, mais ou menos involta em fabulas, dos primeiros annos do famoso negociante Wittington, juiz do povo em Londres tres vezes, no reinado de Henrique 5.^o Filho de um pobre tendeiro de Londres, e inclinado ás viagens de mar, Wittington embarcou como grumete, e concederam-lhe, por especial favor, levar consigo um gato, a que se reduzia todo o seu haver. Foi dar a uma terra selvagem; qual, não se sabe; porque nem a America, nem o cabo de Boa-Esperança se tinham ainda descoberto. A terra ou ilha, a que aportou, estava cheia de ratos; e o gato de Wittington deu brevemente cabo delles. O dono deste util animal recebeu em recompensa uns poucos de barris de ouro em pó, e casou com a filha do chefe da tribu. Voltando á sua patria, chegou a ser uma das personagens mais importantes de Londres, enriqueceu a municipalidade com uma bibliotheca, edificou a cadeia de Newgate, um hospital, e um collegio, que ainda teem o seu nome. A historia do gato de Wittington deu materia a um quadro que ainda hoje se guarda religiosamente em *Mansion-House*.

Mania das collecções. — No leilão do espolio que ficou por morte de um certo Mr. Bandel, boticario em Alost na Belgica, fallecido em 1834, appareceu o inventario mais extravagante, que talvez se haja visto, e pelo qual se fez a arrematação. Mr. Bandel deixou o seguinte: 3:000 estampas e quadros; 2:000 peças, como chicaras, pratos &c., de porcelana; 133 lustres, serpentinas, e candieiros de cristal: 1:100 espelhos de muitos feitios e tamanhos; 72 pendulas, e relógios de algibeira e de parede; 233 estatuas, vasos, e mais adornos de jardim; 530 pares de calças e calções; 800 cazacas e sobre-cazacas de diversos pannos; 780 pares de meias; 500 pares de luvas; &c. &c. Deve-se, porém, notar que o defuncto era solteiro, vivia só com uma irmã, não recebia visita nenhuma, e nunca saía de casa. — *Annales des Voyages.*

GRANDE differença ha deste tempo em que hoje vivemos á singelesa e bondade dos tempos passados: porque, naquelles tão ditosos, empregavam-se os philosophos em engrandecer sua patria, e nestes nossos, gastam os dias e noites em diminuir o credito della. — *Fr. B. da Silva. Def. da Mon. Lusit.*

Eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Com nome e rosto d'honrados,
Vão quentes — andam forrados
De pelles de lavradores. — *Sá de Miranda.*

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.